



Transmissão da Copa 2006 pela Rádio Universitária da UFJF: o resgate da cobertura radiofônica e do entusiasmo do ouvinte pelo rádio

Márcio de Oliveira Guerra

A evolução do rádio e do futebol, mais do que coincidente, tornou-se um verdadeiro “caso de amor”. Um deve ao outro o crescimento e ambos logo deixaram de lado as origens elitistas para se tornarem paixões do povo brasileiro. O surgimento da televisão, nos anos 50, retirou do rádio os artistas, programas e verbas publicitárias. A única coisa que a tv não conseguiu foi transportar o jeito bem especial que o rádio tem, que é o de narrar o futebol de uma forma que envolve, emociona e entusiasma o torcedor.

Não há como negar que a evolução da cobertura do futebol pela televisão, com o uso de recursos técnicos avançados e com a sociedade vivendo fortemente tempos em que “imagem é tudo”, tem formado uma geração mais habituada a acompanhar os jogos somente pela tv. A proposta deste texto é relatar como alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora desenvolveram o projeto de cobertura da Copa do Mundo 2006, pela Rádio Universitária.

Além de oferecer aos discentes a oportunidade de viver uma experiência diferenciada na formação do curso, o projeto tinha como meta oferecer aos ouvintes a cobertura completa de todos os jogos (nenhuma rádio, cujo sinal chega na cidade, fez a narração de todas as partidas) e despertar nestes a paixão por “ver o jogo ouvindo o rádio”.

Foram envolvidos 18 alunos, sendo dez homens e oito mulheres, o que também reflete uma nova realidade no jornalismo esportivo, que é o crescimento das alunas por essa editoria. Durante dois meses, todas as sextas-feiras, por três horas consecutivas, os alunos receberam treinamento. Antes, os mesmos foram preparados com informações sobre a evolução do jornalismo espor-

Resumo

A proposta deste texto é relatar como alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora desenvolveram o projeto de cobertura da Copa do Mundo 2006, pela Rádio Universitária. Além de oferecer aos discentes a oportunidade de viver uma experiência diferenciada na formação do curso, o projeto tinha como meta oferecer aos ouvintes a cobertura completa de todos os jogos (nenhuma rádio, cujo sinal chega na cidade, fez a narração de todas as partidas) e despertar nestes a paixão por “ver o jogo ouvindo o rádio”. Foram envolvidos 18 alunos, sendo dez homens e oito mulheres, o que também reflete uma nova realidade no jornalismo esportivo, que é o crescimento das alunas por essa editoria. Durante dois meses, todas as sextas-feiras, por três horas consecutivas, os alunos receberam treinamento. Antes, os mesmos foram preparados com informações sobre a evolução do jornalismo esportivo, da cobertura e linguagem utilizadas pelo rádio e da sua dimensão para a população. Ao se transformarem em “atores” desse espetáculo de cobertura da Copa do Mundo, os estudantes tiveram a chance de visar novos rumos ou perspectivas profissionais, e descobriram que a comunicação se exerce com a função de levar a quem se dispõe a prestigiar aquela narração, o sentimento de pertencimento.

Palavras-chave: rádio, futebol, transmissão radiofônica, Copa do Mundo.

*Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, é doutor em comunicação pela UFRJ.

tivo, da cobertura e linguagem utilizadas pelo rádio e da sua dimensão para a população.

Também foi dedicado um período para o resgate da história das copas, de nomes que fizeram história no futebol e no rádio. Durante o treinamento, cada aluno teve a liberdade para experimentar as diversas funções que uma equipe de esportes desempenha durante uma transmissão radiofônica. Todos puderam avaliar em qual papel se sentiam mais à vontade. Narração, comentário, reportagem e plantão, foram as opções experimentadas e que serviram como definição dos papéis de cada um.

Não houve qualquer pré-requisito para a participação no projeto. Os alunos de todos os períodos, independentemente de terem cursado alguma disciplina de rádio, puderam fazer parte da cobertura. O que poderia ser um risco, acabou se transformando numa estratégia de motivar os futuros jornalistas a olhar para o rádio, normalmente colocado em plano secundário por eles, não só como uma opção futura de mercado de trabalho, mas para o encantamento que a narrativa radiofônica proporciona.

Em 1922, quando foi realizada a primeira transmissão radiofônica no Brasil, com a irradiação do pronunciamento do então Presidente da República, Epitácio Pessoa, no Rio de Janeiro, começava a história de fascínio do brasileiro pelo rádio. O pioneiro, e um dos mais animados, foi Roquete Pinto.

Tudo isso há de ser o milagre das ondas misteriosas que transportam no espaço, silenciosamente as harmonias. Que meio para transformar um homem em poucos minutos, se o empregarmos com alma e coração. (Sampaio, 2004, p.116).

O idealismo de Roquete Pinto também pode ser percebido em Charles Miller, que em 1894 chega ao Brasil com uma bola e as regras de um jogo que empolgava até os padres ingleses, que jogavam com seus alunos e deram à Inglaterra o título de “berço do futebol”. O encontro efetivo de rádio e futebol acontece no começo dos anos 30. Nicolau Tuma, empunhando o microfone da Rádio Educadora Paulista, é desafiado a transmitir o confronto entre as seleções de São Paulo e Paraná.

O futebol já despertava um interesse grande no público. Já não era mais “propriedade” das

elites. Através de operários de fábricas inglesas instaladas no Brasil e depois de descobrir que o futebol poderia ser praticado em qualquer espaço (na várzea, na praia, em quadras), o mesmo rompe todas as barreiras. Inclusive a do preconceito racial. Coube ao Vasco da Gama o marco de ser o primeiro a permitir negros a jogar no time e determinar o fim de situações deprimentes como a de um jogador negro que, para atuar no Fluminense, cobriu o rosto com pó de arroz e se expôs ao vexame de ver o suor revelar o preconceito da época.

Nicolau Tuma contou em uma entrevista ao Globo Repórter, em 1981, que tratava da história do rádio, que chegou ao estádio onde paulistas e paranaenses se enfrentariam, pensando em como transmitir para os ouvintes aquilo que estava vendo. A idéia que lhe veio à cabeça foi sugerir ao torcedor que acompanhava a sua descrição, que estaria diante de uma caixa de fósforos, dando o formato do campo. “Como não tinha um modelo de narração optei pela descrição fotográfica, que desse ao ouvinte a imagem exata do campo e do jogo”, contava Tuma.

Mas a situação era mais complexa do que se imagina. À época não se tinha numeração nas camisas dos jogadores, o que fez com que, desde cedo, os narradores tivessem que buscar nas características físicas dos jogadores a forma de guardar os nomes para facilitar a transmissão. A vocação para a busca da imaginação do torcedor estava em ação e logo virou mania.

Levar o rádio aos jogos de futebol passou a ser um ato rotineiro. O rádio passou a ser uma “muleta” ao torcedor. Ferramenta que, mais tarde, mesmo com o ingresso da televisão na cobertura do jogo, não foi abandonado. Não são poucos os que costumam preservar o hábito de “ver o jogo na telinha de ouvido na caixinha” (expressão usada por vários narradores em dias em que sabem que a partida que estão transmitindo pelo rádio tem também a cobertura da tv). “Eles não se satisfazem somente com o que estão vendo. A ansiedade de ouvir supera a obrigatoriedade de ver”. (Almeida, 1989, p.49)

Vários profissionais que trabalharam nos primeiros anos da cobertura radiofônica do futebol contam que foram as necessidades surgidas que contribuíram para que fosse feita uma transmissão melhor, mais completa, e também para que

o próprio veículo conseguisse se desenvolver tecnicamente. O microfone sem fio, por exemplo, surgiu pela necessidade de mobilidade dos repórteres em campo.

Essa popularização de futebol e rádio coincide com as mudanças na sociedade brasileira a partir da década de 50, quando houve o início do processo de urbanização no país, com o deslocamento da população do campo para a cidade. Embora tenha despertado o interesse do público, o futebol deve ao rádio boa parte da paixão que gerou no torcedor.

Outro aspecto importante dentro da linguagem radiofônica nas transmissões do futebol está na especificidade que ela requer do locutor. Todos os lances devem ser narrados com emoção, fazendo com que o responsável pela transmissão descreva a sucessão de jogadas, traduzindo-as em atos de linguagem. A emoção passa a ser um fator preponderante, ainda mais em cima da cobertura de um esporte em que a imprevisibilidade do resultado é sempre acentuada.

É justamente neste clima de emoção, de tensão, de paixão, que a narrativa radiofônica se apropria e retém o ouvinte. Na fala do narrador está a garantia de que o espetáculo é sempre bom e de que tudo pode acontecer. O rádio trabalha com o imaginário e o locutor será melhor e mais prestigiado à medida que for capaz de transmitir, e mais, inventar o jogo.

Se entendermos o futebol sob o prisma da contradição de sentimentos, dentro da perspectiva de reflexo da nossa sociedade, chegaremos ao mesmo ponto que Daolio, o qual afirma que o futebol brasileiro é uma forma de cidadania. Na verdade, muito mais próximo de um estilo de vida.

Nesse sentido, ele não é bom nem mau, certo ou errado, expressão generosa do povo brasileiro ou seu ópio. Constitui-se numa forma do homem brasileiro expressar-se. (Daolio, 2000, p.34).

Nelson Rodrigues afirmava que se há algo que nos identifica uns com os outros, que nos permite afirmar contra os que não são daqui e que nos dá uma sensação de que pertencemos a uma coletividade ou comunidade, é o futebol. Mesmo argumento de Roberto DaMatta, que afirma que o futebol nos ajudaria a transformar uma coletividade altamente dividida internamente

em uma coletividade capaz de afirmação através de ação coordenada e eventualmente vitoriosa. (DaMatta, 1994, p16)

Podemos também recorrer ao conceito de laços afetivos elaborado por Raquel Paiva, no livro **Espírito Comum**, que reforça e explica as afirmações anteriores. Utilizando-se de uma análise do pensamento do alemão Ferdinand Tönnies, Raquel afirma que

a vida em comunidade consiste na posse e prazer mútuos, assim como na posse e gozo dos bens comuns, males comuns, amigos comuns, comuns inimigos. (Paiva, 1998, p.101-102).

Portanto, ela trata os laços afetivos como a partilha de conceitos comuns com uma comunidade. É assim que se comportam os torcedores na relação com seu clube de coração. E também se pode ver na transmissão do futebol esse lado afetivo da mídia com o torcedor, já que este busca nos meios de comunicação (rádio e tv) o intermediário para acompanhar a partida. E essa transmissão é feita na sua língua.

Foi justamente esse desafio que foi posto aos alunos do projeto da Rádio Universitária da UFJF. Fazer a cobertura da Copa do Mundo de 2006, mesmo que realizando o chamado “serviço especial” (narrar a partir da imagem da tv), trouxe aos participantes a necessidade de, primeiro, se sentirem envolvidos afetivamente pelo meio. O relato do jogo pelo rádio teria que ultrapassar uma atividade acadêmica ou de treinamento, para se estender ao ouvinte como um resgate do valor dessa narrativa.

O projeto coincide justamente com o momento em que a Faculdade de Comunicação viabilizou a transmissão da programação também via internet. O resultado é que, além da comunidade atingida pela frequência da emissora, também havia o “risco” de se estar sendo escutado em qualquer lugar do mundo. Tal fato ampliou a responsabilidade e motivação do grupo.

Logo nos primeiros jogos realizados pelos participantes, recebemos os primeiros emails de ouvintes de vários Estados, que trouxeram a principal relação que o rádio oferece: a troca. O locutor se refere ao ouvinte como se estivesse conversando com ele. Ele, por sua vez, devolve, dá o retorno ao comunicador. Esses laços afetivos acabam criando uma cumplicidade.

Aos alunos, como já dissemos, de períodos e turnos diferentes, surgiu um outro desafio interessante. Além da experiência primeira de transmitir um jogo de futebol, eles aprenderam a trabalhar em grupo, entendendo o que é ser membro de uma equipe de esportes, onde o desempenho de um interfere no do outro. Esse foi um dos principais pontos levantados pelos alunos na avaliação final realizada.

Para todos os participantes do projeto, essa foi uma das maiores conquistas observadas na realização da cobertura da Copa do Mundo. Segundo eles, foi possível perceber como tudo se torna mais fácil quando se é realizado com o propósito de fazer bem, sem a preocupação de ser melhor do que o companheiro, mas de atuar ao lado dele para a realização de uma transmissão cujo objetivo é agradar ao outro lado, ou seja, o ouvinte.

O ineditismo da experiência para praticamente todos os que participaram, significou a necessidade de superar as barreiras contando com o companheirismo no ambiente de trabalho. Esse foi um sinal percebido por alguns ouvintes entrevistados ou que mandaram suas mensagens pela internet ou telefone. Ficou perceptível a forma como cada um procurou contribuir para o sucesso do projeto, cobrindo as possíveis e naturais falhas provocadas pela inexperiência.

O futebol é identificado como um poderoso instrumento de elaboração das diferenças e um riquíssimo campo, festivo e polêmico, de diálogo não-verbal. Ao mesmo tempo, essas diferenças não podem acabar provocando outra reação. (Wisnik, 2005, p.14).

Ao se transformarem em “atores” desse espetáculo de cobertura da Copa do Mundo, os estudantes tiveram a chance de visar novos rumos ou perspectivas profissionais, e descobriram que a comunicação se exerce com a função de levar a quem se dispõe a prestigiar aquela narração, o sentimento de pertencimento. O rádio faz isso, ensina a quem cresce sob a sociedade da imagem televisiva, representa a preservação do veículo e o resgate desta relação fascinante entre rádio, futebol e torcedor.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Rogério Carlos Corrêa. Rádio e futebol: um abismo na ponte aérea. 1989, 179 f. Monografia (Projeto de Conclusão do Curso de Comunicação Social da UFJF) 1989.
- DAMATTA, Roberto et. al. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakoteque, 1982.
- DAMATTA, Roberto. Antropológica do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. São Paulo, *Revista da USP*, São Paulo, n.22, p.16-18, 1994.
- DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo César R. (org). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro. DP&A, 2000, p.29-44.
- GUERRA, Márcio de Oliveira. *Rádio x Tv: o jogo da narração*. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Tese de doutorado defendida na UFRJ, em 17 de maio de 2006, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Raquel Paiva.
- PAIVA, Raquel. *O Espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- SAMPAIO, Walter. *Jornalismo Audiovisual, no rádio, tv e cinema*. São Paulo: Edusp, Petrópolis: Vozes, 1971.
- WISNIK, José Miguel. Um pouco que cabe nas quatro linhas. *Jornal Estado de São Paulo*, Caderno Aliás, p. 14, 23 de out. 2005. Entrevista ao jornalista Fred melo Paiva.

Abstract

This paper aims to report an experience project developed by Social Communication students from Federal University of Juiz de Fora, in which they broadcast World Cup's matches through University Radio.

The project has offered professors and students the opportunity of living a different experience in their course.

Its main objective was to broadcast all matches (no radio in the city had completely broadcasted World Cup's matches) and show people that "watching sports on the radio" can be as fun as watching them on TV.

18 students were involved in the project (ten men and 8 women) – which indicates a new reality in sports journalism by the increasing number of women that took part in it.

During 2 months, every Friday, for three hours, students received training. They were prepared by getting information on sports journalism evolution and broadcasting language used on radio.

Keywords: radio; football; radio broadcast; World Cup.